

## O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO NA TEORIA JUNGUIANA, UMA ANÁLISE DO FILME “MOANA, UM MAR DE AVENTURAS”

---

**Resumo:** O presente artigo tem como intuito expor como se dá o processo de individuação, busca da vocação através da teoria Junguiana, bem como, exposição de cenas do filme "Moana, um mar de aventuras" que se apresenta como uma projeção do funcionamento do psiquismo humano, evidenciando o elemento Daimon, que na teoria aparece como uma inclinação, uma voz interior que move todos os indivíduos a seguir seu próprio padrão. A busca da verdadeira vocação e autodescoberta além dos padrões impostos pela sociedade e processos transgeracionais são elementos importantes que constitui o processo de individuação, representado pela personagem principal, Moana no filme de animação.

**Palavras-Chave:** Individuação. Daimon. Vocação. Autodescoberta

---

### 1. Introdução

Esta pesquisa reporta se sobre o processo de individuação na busca do verdadeiro eu, Jung nos direciona para a análise do plano individual apontando para o processo de autoconhecimento denominado Individuação, no sentido teleológico este processo expõe a realização plena de si mesmo e o encontro com o divino e a natureza.

No início do processo de autoconhecimento, o sujeito se questiona sobre o destino, vocação, chamado, entre outros, sendo assim todos almejam essa realização existencial. Ao passo que aprendem se por meio da sociedade a saberem qual é o seu lugar, porém vive-se sempre com a dúvida. Será que esse é o verdadeiro sentido ao seguir padrões pré-estabelecidos por pais, sociedade e religião? Neste mundo de tantas respostas e padrões qual a vantagem de se ter uma criança adaptada? Será que essa é a verdadeira vocação?

O estudo tem por objetivo geral investigar como se dá o processo de individuação, através da análise do filme, "Moana, um mar de aventuras". O filme sendo um elemento que diz respeito a um impulso, uma força, pulsão de seguir seu próprio padrão, seu caminho, em que tem uma relação direta, com a vocação, aquilo que cada um carrega dentro de si como um destino. Como objetivo específico propõe correlacionar as cenas do filme com a base teórica da psicologia analítica Junguiana e seus seguidores no processo da individuação.

A metodologia empregada foi conduzida com base na análise do filme: "Moana, um mar de aventuras" e pesquisas bibliográficas. O referencial teórico que orienta o trabalho advém das áreas da psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

Nesse processo de Individuação do autoconhecimento Jung explica que a psique humana, invariavelmente, compromete-se, na jornada para se tornar

consciente de si própria ou como um ser humano único, mas único somente no mesmo sentido que todos nós somos, nem mais ou menos do que outros, mas um ser autêntico e atuante no seu contexto de realização pessoal.

## 2. Discussão: A psicologia analítica no processo de autoconhecimento

Existe momentos da existência natural do desenvolvimento humano, que dá a impressão que o universo parece conspirar de forma contrária aos nossos desejos, metas e objetivos. Muitos passam a vida inteira dessa forma. Vivendo pela metade, pois a outra metade segura, foi boicotada, foi impedida de prosseguir. Quem culpar?

Jung menciona que a *Persona* é um elemento da personalidade consciente que surge “por razões de adaptação ou conveniência pessoal.” Se você tem certas “máscaras” que você coloca em várias situações (como o lado de si mesmo que você apresenta no trabalho, ou para família), isso é uma persona. A Persona pode ser vista como a parte de “relações públicas” do ego, a parte que nos permite interagir socialmente em uma variedade de situações com relativa facilidade.

A persona normalmente cresce a partir das partes de pessoas que desejavam uma vez agradar a professores, pais e outras figuras de autoridade, e, como tal, se inclina fortemente em direção a incorporar apenas as melhores qualidades, deixando os traços negativos que induzem a pessoa a negar conteúdo negativos a consciência formando a “Sombra” esses traços que não gostamos, ou preferimos ignorar, se juntam para formar o que Jung chamou de *Sombra*. Esta parte da psique, que também é fortemente influenciada pelo inconsciente, é uma forma de complexo ou de dificuldades que o sujeito percebe e rejeita.

Aqueles que se identificam muito fortemente com suas personas, no entanto, podem ter problemas – como exemplo podemos pensar na celebridade que se torna muito envolvida com sua “estrela”, a pessoa que não pode deixar o trabalho no trabalho, ou o acadêmico que parece condescendente com todos. Fazer o acima mencionado pode prejudicar o crescimento pessoal de alguém, como outros aspectos do self, então, a pessoa pode não se desenvolver adequadamente, incapacitando o crescimento geral.

Von Franz (1997), cita Jung em que destaca que para que ocorra o crescimento geral do homem, é preciso reconhecer o Daimon, que tem como a função de um guia, que antevem e alerta sobre os perigos, protegê-lo e ajuda nos momentos difíceis, conduzi-lo pelo caminho e estabelecer a ponte com o Self. Há sempre uma forma de

comunicação entre a pessoa e seu daimon. Essa comunicação ou intervenção pode acontecer através dos sonhos, dos eventos sincronísticos e da escuta de uma voz interior.

Essa comunicação interior, denominada Daimon oportuniza a sincronicidade., que longe de serem fenômenos estranhos, derivam decisivamente de uma ordem natural de escalas simbólicas. Assim como outros tantos fenômenos da natureza e da vida, podem ser compreendidos como redes auto organizáveis. (Cf. Hogenson, 2005). A Sincronicidade em 1951, é tornada pública na conferência ministrada por Jung no mesmo ano, no Círculo de Eranos (Ascona, Suíça). Esse ensaio e mais seu trabalho conclusivo sobre o tema, Sincronicidade: um princípio de conexões acausais, de 1952, são apresentados no volume VIII/3 das suas Obras Coligidas Jung propõe um estudo em contraponto “ao domínio das leis, ou seja, um estudo mais detido da natureza do conceito de acaso” (1951/1990a, § 823). Para tanto, apresenta casos sobre coincidências significativas observadas por ele e por outras pessoas.

Assim pode ocorrer que casualmente alguém tenha a sua atenção despertada pelo número do bilhete do metrô ou do trem. Chegando em casa, ele recebe um telefonema e a pessoa do outro lado da linha lhe diz um número igual ao do bilhete. À noite, ele compra um bilhete de entrada para o teatro, contendo esse mesmo número. (*Ibid.*, § 959),

A sua noção de sincronicidade é que existe um princípio de causalidade que liga acontecimentos que tem um significado similar pela sua coincidência no tempo em vez da sua sequencialidade. Afirmou haver uma sincronicidade entre a mente e o mundo fenomenológico a percepção. Esses fenômenos acontecem com todas as pessoas. A questão é que poucos estão despertos e lúcidos o bastante para notarem esses movimentos sincrônicos que acontecem com esta hipótese, Hogenson (Cf. *Ibid.*) convida-nos a pensar a sincronicidade como um *continuum* de momentos simbólicos estruturados na psique compartilhando características de outros processos naturais conectados com o universo. Estes, são estruturados tanto na psique como no relacionamento entre psique e mundo em expansão - não separado da natureza. Sugere que o processo simbólico obedece às mesmas leis e atua de forma similar a outros fenômenos que podem ser percebidos tanto na transferência de íons no cérebro como na força destrutiva de um vulcão.

Einloft e Rocha Filho (Cf. 2006) compreendem as sincronicidades como fatos da natureza íntima da matéria que, de alguma forma, são refletidos no funcionamento da psique. Aufranc enfatiza a necessidade de se observar a Física Quântica nesse processo sincrônico da mente e o universo, a mesma lei deu a cientificidade para o desenvolvimento dos *microchips*,

laser e descoberta do DNA e “trouxe outros parâmetros, os quais ainda nos parecem chocantes, como a incerteza e a não-localidade” (Aufranc, 2006, p.8). Indo além das críticas ao pensamento moderno, Cambray (Cf. 2002) considera o fato de que os argumentos de Jung relacionados com a Física teórica tenham sido baseados nas leis da termodinâmica do século XIX sobre a forma como eram aplicadas a sistemas fechados. Naquela época, as descrições científicas sobre a energia nos sistemas abertos e longe do equilíbrio não estavam disponíveis. Como a entropia é definida somente em situações ou sistemas em equilíbrio, não é apropriada para ser aplicada em situações de não-equilíbrio, característica de todos os sistemas auto-organizáveis, incluindo a vida. (Cf. Cambray, 2002). Sendo assim, necessário para que de forma organizada esse processo se realize na psique e na vida.

Na terapia analítica Jung acreditava, ao contrário de muitos de seus contemporâneos, que todos os elementos da natureza de um indivíduo estão presentes desde o nascimento, e que o ambiente da pessoa os traz para fora (em vez do ambiente criá-lo), na qual denomina de símbolo sendo representado por um arquétipo e o inconsciente coletivo dado daquela cultura. Jung sentia que as pessoas nascem com um “projeto” já nelas que irá determinar o curso de suas vidas. De acordo com Jung, a teoria do inconsciente coletivo é uma das teorias mais originais “o termo arquétipo não pretende denotar uma ideia herdada, mas sim um modo herdado de funcionamento, o que corresponde à maneira inata em que a galinha sai do ovo, o pássaro constrói seu ninho, um certo tipo de vespa pica o gânglio motor da lagarta, e enguias encontram o caminho para as Bermudas.

Entretendo esse processo está longe de ser tranquilo, Jung não tentou fugir da importância do conflito para a psicologia humana; ele viu como inerente e necessário para o crescimento, foi quando percebeu a influência da sombra e projeção a desempenhar no equilíbrio total da psique. Sem um lado sombrio bem desenvolvido, uma pessoa pode facilmente tornar-se superficial e rígida a *persona* e logo extremamente preocupada com a opinião dos outros. Jung acreditava que, não querendo olhar para suas sombras diretamente, muitas pessoas iriam projetá-las para os outros, o que significa que os defeitos que muitas vezes não podem estar em outros, temos em nós mesmos e gostaríamos de não ver.

Para crescer verdadeiramente como uma pessoa, é preciso cessar tal cegueira voluntária à própria sombra e tentar equilibrá-la com o *Persona*, buscando a organização psíquica sem anular o lado sombrio do verdadeiro eu, sendo assim, o *self*. De acordo com Jung, é a soma total da psique, com todo o seu potencial incluído. Esta é a parte da psique que olha para a frente, que contém a unidade para a satisfação e plenitude. O *Self* conduz o processo de individuação, a busca do indivíduo para atingir seu pleno potencial.

Indícios de reconhecimento do verdadeiro self no desenvolvimento da psique deve ser dada a atenção na infância, pois teremos os primeiros sinais de um potencial e habilidades a serem identificados e desenvolvidos, porém muitas vezes bloqueado. Em um novo mundo regido por soluções e novos conflitos evidentes surgem as novas gerações e com elas, conflitos Intergeracionais, onde os pais desejam crianças adaptadas ao conceito e experiências passadas e predefinidas. Verifica-se processos familiares doentes, com bloqueios na comunicação provenientes da falta de entendimento de um diálogo entre a sabedoria e a necessidade de novos constructos. Cria-se jovens preparados para futuros pré-definidos e moldado de acordo com a vida pgressa da família, as antigas gerações.

Para Jung, quando torna se consciente os conflitos existenciais dos complexos das antigas gerações no campo do consciente nosso sentido de identidade e existência aparecem organizando nossos pensamentos, sentimentos, sentidos, e intuição, e regula o acesso à memória. É a parte que liga os mundos internos e externos, formando como nos relacionamos com aquilo que é externo a nós.

O ego é apenas uma pequena porção do self, no entanto, Jung acreditava que a consciência é seletiva, e o ego é a parte do self que seleciona as informações mais relevantes do ambiente e escolhe que direção tomar com base nelas, enquanto o resto da informação afunda no inconsciente. Pode, portanto, aparecer mais tarde na forma de sonhos ou visões, entrando assim para a mente consciente

### **3. Considerações finais: Correlação teórica com a animação**

Em uma ilha isolada na polinésia, mergulhamos no universo psicológico de Moana, uma jovem aspirante a chefe de sua aldeia, que vivendo nesse ambiente completamente fechado e com seu destino traçado desde o seu nascimento, tem por uma missão restaurar o coração de Te-Fiti, representado pela mãe terra a fim de equilibrar o universo que sofria ataques da escuridão, fazendo alusão a sombra do homem em forma de sentimentos de cobiça, inveja, vaidade e destruição. A mesma se encontra em um conflito entre seu verdadeiro self e as personas (papéis sociais assumidos). O colapso da persona constitui-se tipicamente no momento Jungiano tanto na terapia quanto em seu desenvolvimento, e é quando o comprometimento excessivo à ideias coletivas passam a mascarar a individualidade mais profunda.

Sob influência patriarcal profunda, Moana assume a persona de líder, protetora de sua



da aldeia, correspondendo com a imagem que os pais e seu próprio povo espera da mesma. Jung (2008) define persona como:

“A palavra persona é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar. Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva.”

No entanto, o conflito de Moana se dá pelo seu desejo de sair da ilha, ou seja, sair desse ambiente familiar em que ela exerce papel de líder, num ato instintivo de ir para o mar e descobrir uns novos horizontes além dos recifes. Aqui podemos perceber um colapso do ego de Moana que não consegue atender o desejo de servir seu povo e ao mesmo tempo seguir sua vocação ainda não despertada. Em um ego estruturado de forma equilibrada, a relação com o mundo exterior ocorre através de uma persona flexível que é capaz de utilizar da máscara certa para cada momento não deixando o verdadeiro self de lado.

Quando o ego se compromete excessivamente aos ideais coletivos, a persona passa a mascarar a individualidade mais profunda. O que acontece com Moana é exatamente isso, agravado ainda pela castração do pai e a passividade da mãe no seu processo de autodescoberta. Nesse caso a dissolução da identificação com o papel exercido é extremamente necessária para o processo de individuação da personagem.

A angústia de Moana pode, então, ser entendida através da existência de seus desejos em contraste com os conteúdos trazidos por sua família em um processo transgeracional que a faz se sentir em conflito com seu desejo diante de seu contexto familiar e sua aldeia, que representam suas obrigações impostas pelo pai e seu povo.

A partir do ocorrido da morte de sua avó, que a incentivava a ir para além do mar e cumprir seu destino, fazendo alusão ao Daimon, num papel de guia que a incentiva seguir sua voz interior. Trechos da música:

“A voz que diz num sussurro, que a estrela vai te guiar, Moana essa voz é sua é o seu lugar.”

Vagalume, 2017

Moana toma a decisão de navegar nas águas de si mesma e a partir daí tem que interagir com novos personagens, fragmentos de seu self.

O primeiro arquétipo e guardião que Moana encontra é o semideus Maui, uma

representação de seu desejo de ajudar e proteger a todos, o poder e a força que acredita precisar para realizar os desafios. Porém é possível observar o medo escondido que o mesmo tem em cumprir esse papel por várias vezes, evidenciando uma insegurança de Moana em enfrentar esse mar de emoções.

O enfrentamento dos medos por Moana ainda passa pela aventura no reino dos monstros, onde ela encara a sombra, representada pelo Siri ostentoso com o excesso de vaidade e de caráter cruel nas profundezas do oceano que nos remete ao inconsciente essa parte mais sombria do self.

A *Sombra* é o Arquétipo que maior exerce influência sobre o Ego. Ela se desenvolve em oposição ao arquétipo da Persona. Normalmente escondemos e afastamos de nossa Consciência e também das outras pessoas, tudo o que consideramos negativos em nós. Sentimentos e ideias cruéis, ânsia de poder, impulsos violentos, ações moralmente reprováveis, tudo aquilo que a sociedade ou meio em que vivemos considera negativo ou inadequado, além de nossas fraquezas, vícios, medos, erros, etc.

Moana precisou enfrentar esses medos e desafios para que pudesse resgatar sua coragem e segurança interior para ir adiante em sua busca, representado pelo anzol de Mauí, que diz respeito a sua habilidade de adaptação ao enfrentar quaisquer desafios externos que fossem apresentados no ambiente externo como bloqueios em seu percurso.

Enquanto o indivíduo não descobre a realidade de si mesmo (o seu Inconsciente), permanecerá na condição de vítima de transtornos de todo tipo, decorrentes do vazio existencial, da falta de sentido psicológico, por identificar apenas parte da sua realidade externa. Moana, quase ao ponto de concluir sua missão, acaba demonstrando uma imensa insegurança, representada pela raiva e o abandono de Mauí do barco ao quebrar seu anzol, símbolo de sua força e adaptação no enfrentamento das dificuldades do percurso. Então novamente ela se depara apenas consigo mesma, evidenciado seu Daimon Até que sua avó reaparece para ela.

A avó Tala (John Musker & Ron Clements, 2016) diz:

"Encontros vão te moldando, aos poucos te transformando, e nada no mundo cala a voz que vem num encanto e te pergunta baixinho: Moana quem é você? Tente, você vai se encontrar ..." (Trecho do filme)

Moana (John Musker & Ron Clements, 2016) responde:

"Tanta coisa eu tive que enfrentar. Encarei meus medos. O que eu sou, este instinto, esta voz já faz parte do que me atrai nessa minha vontade. Com você junto a mim, posso ir bem mais longe. Eu me encontrei, agora eu sei: eu sou Moana! ". (Trecho do filme).

A personagem principal então consegue descobrir sua vocação, seu lugar no mundo, constituindo o processo de individuação que já se inicia desde a infância, dando as tendências do vir a ser. Essa é a voz do Daimon, que orienta em direção à vocação. Esse é o caminho do herói, cujo processo não acontece sem angústias, dúvidas e sofrimento. Há tarefas, lutas e conquistas a serem realizadas.

O mito do herói fala do anseio arquetípico de se trilhar caminhos desconhecidos, pelo confronto das adversidades e da busca pela superação, trazendo a possibilidade da vida criativa e da transformação, com um novo sentido que confere à vida uma finalidade. Esse caminho exige de cada um a fidelidade a si mesmo e o compromisso com a própria vida. (Denise Diniz Maia)

Ao restaurar o coração de Te-Fiti Moana entra em contato com a natureza, simbolizada pelo universo, sincronicamente entrando em equilíbrio psíquico, dessa forma devolvendo a vida a sua ilha que até então sofria ataques da escuridão, representando a separação da verdadeira natureza, detendo a escuridão projetada na ilha pela sombra destruindo toda vida na ilha, sua estrutura e fonte de subsistência.

Moana consegue concluir seu processo de individuação, seguindo seu caráter de líder ansioso por seu povo e família, porém dentro dos seus desejos de navegadora, desbravadora de novas ilhas e mundos, expandindo seu poder de liderança para além de sua ilha, descobrindo novos mundos com todo seu poder criativo, conduzindo seu povo, conduzindo a si mesma.

## Referências

**HILLMAN, J. (1996). O código do ser. Rio de Janeiro: Objetiva.**

**HILLMAN, J. Psicologia arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1995**

**HILLMAN, J. O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.**

**JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.**

**JUNG, C.G. 1921 Tipos Psicológicos – Volume 6. Coleção Obras Completas de C. G. Jung**

**JUNG, C.G. 1916 The Structure and Dynamics of the Psyche Vol. 8**



**JUNG, C.G. 1977 A Vida Simbólica- Vol. 18. Coleção Obras Completas de C. G.**

**Jung**

**MUSKER, J. & Clements R. (Diretores). (2016). Moana, um mar de aventuras.**

**Hollywood: Disney.**

**Moana, um mar de aventuras" em busca de sua vocação. Denise Diniz MAIA São**

**Paulo, SP, Brasil**

**VON FRANZ, M. - L. O Processo de Individuação. In: JUNG, C.G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977**